

O Fator Claude

O Risco Estrutural que o Mercado Offset Editorial Não Está Vendo

Como a IA Generativa Substitui o Propósito Funcional da Mídia Impressa

3 Gerações

de disrupção digital
identificadas e analisadas

5 Segmentos

do offset editorial
estratificados por risco

ISPE

Índice de Substituibilidade
de Propósito Editorial

2025–2035

horizonte de análise
e projeção de cenários

Disruption Watch

Série ProjetoPack Intelligence I Março 2026

Aislan Baer

Founder, ProjetoPack • Editor, ProjetoPack em Revista

SUMÁRIO

Sobre a ProjetoPack Intelligence	3
Sumário Executivo	3
Escopo, Metodologia e Limitações	4
1. A Premissa Histórica do Offset Editorial	5
2. A Anatomia da Disrupção: Três Gerações de Ameaça	6
3. O Paralelo Mounjaro: Disrupção por Substituição de Propósito	7
4. Os Três Atributos em Colapso Simultâneo	8
5. O Índice de Substituibilidade de Propósito Editorial (ISPE)	9
6. Matriz de Exposição Setorial (MES): Hierarquia de Risco	10
7. Implicações para o Mercado Gráfico Brasileiro	12
8. O Que o Setor Deve Fazer Com Essa Informação	13
9. Considerações Finais	14
Apêndice A – O ISPE em Detalhe: Variáveis e Calibração	15
Apêndice B – Brasil como Laboratório Observável	16
Sobre o Autor	17
Série ProjetoPack Intelligence	17

Sobre a ProjetoPack Intelligence

A ProjetoPack Intelligence é uma plataforma independente de inteligência industrial focada em transformação estratégica, alocação de capital e tendências estruturais de longo prazo nas indústrias globais de embalagens, rótulos e impressão.

Por meio de papers de pesquisa, análise setorial e diálogo executivo, a ProjetoPack Intelligence examina como forças tecnológicas, econômicas e comportamentais reconfiguram a criação de valor industrial.

A iniciativa se fundamenta em mais de duas décadas de experiência operacional, estratégica e de mercado no ecossistema de embalagens e artes gráficas da América Latina.

Esta publicação reflete análise estratégica independente e tem por objetivo estimular o diálogo executivo nas indústrias de embalagens, impressão e convertedores. Não constitui recomendação de investimento ou orientação comercial.

A ProjetoPack Intelligence opera como think tank industrial independente dedicado ao exame de transformações estruturais de longo prazo que afetam as indústrias de embalagens, rótulos e impressão em escala global.

SUMÁRIO EXECUTIVO

Por décadas, o mercado gráfico offset editorial construiu uma narrativa de resistência coerente e funcionalmente eficaz:

A mídia impressa não compete com a internet em velocidade — e não precisa. Ela compete em profundidade, confiabilidade e coerência narrativa.

Essa distinção sustentou revistas técnicas, publicações acadêmicas, relatórios corporativos impressos, livros de referência e jornais de análise por anos após a ascensão do digital. O setor aprendeu a conviver com a perda de velocidade como vantagem comparativa. O que não aprendeu — e esta é a tese central deste paper — é a conviver com a perda simultânea de profundidade, confiabilidade e personalização como vantagens exclusivas.

Esse é, precisamente, o que a inteligência artificial generativa — representada aqui pelo Claude (Anthropic), mas extensível ao GPT-4o (OpenAI), Gemini (Google) e equivalentes — está entregando ao mercado em 2025–2026.

O mecanismo de disrupção é estruturalmente análogo ao impacto dos medicamentos GLP-1 (Ozempic, Mounjaro) sobre a indústria de embalagens: não se trata de uma disputa direta entre concorrentes. Trata-se de eliminação de propósito. O produto não perde para um rival — perde para um vetor que não estava no radar competitivo.

Para operacionalizar essa análise, este paper apresenta dois instrumentos originais:

- Índice de Substituibilidade de Propósito Editorial (ISPE) — mede o grau em que o propósito funcional de cada segmento da mídia impressa pode ser diretamente substituído por interação com IA generativa.
- Matriz de Exposição Setorial (MES) — classifica os segmentos do offset editorial por horizonte temporal de risco, considerando substituibilidade, elasticidade de audiência e dependência de atributos físicos exclusivos.

O prognóstico não é o colapso imediato do setor. É a redistribuição estrutural — e a janela para adaptação estratégica está se fechando mais rápido do que a maioria das lideranças do setor reconhece.

O maior fator de risco do mercado offset editorial não é a internet. É o Claude — e o que ele representa: profundidade, confiabilidade e personalização simultâneas, sem papel, sem tinta, sem gráfica.

Escopo, Metodologia e Limitações

Objetivo

Este paper fornece um framework estratégico baseado em cenários — não uma previsão — para auxiliar convertedores, gráficas, editoras e investidores a avaliar como a adoção de inteligência artificial generativa pode reconfigurar os padrões de demanda e o risco de portfólio do offset editorial.

Escopo

- Horizonte temporal: 2025–2035
- Foco primário: dinâmicas de demanda por impressão editorial orientadas por substituição de propósito e migração de audiência para IA
- Segmentos: revistas técnicas e setoriais, relatórios corporativos impressos, livros didáticos e de referência, publicações de cultura e lifestyle, jornais
- Geográfico: enquadramento global com ênfase no contexto brasileiro

Metodologia

A análise é construída sobre dois modelos complementares:

- ISPE (Índice de Substituibilidade de Propósito Editorial): avalia, por segmento, o grau em que os atributos funcionais centrais da publicação impressa — profundidade, confiabilidade, coerência narrativa, personalização — podem ser replicados ou superados por IA generativa.
- MES (Matriz de Exposição Setorial): combina o ISPE com elasticidade de audiência (facilidade de migração do leitor) e dependência de atributos físicos (tactilidade, colecionalidade, legitimidade institucional) para produzir uma estratificação de risco por horizonte temporal.

Limitações

- A adoção de IA generativa é heterogênea por faixa etária, segmento profissional, infraestrutura digital e nível de letramento tecnológico.
- Os impactos segmentais são não-lineares e dependem de respostas institucionais de editoras, escolas e empresas.
- Não modelamos efeitos de segunda ordem (publicidade digital, consolidação editorial, impacto sobre gráficas de pequeno porte) nesta edição — mapeados para edições futuras.
- A qualidade dos dados de adoção de IA no mercado brasileiro ainda é heterogênea; o framework foi projetado para ser auditável à medida que dados de audiência e assinatura de IA se tornem disponíveis.

1. A Premissa Histórica do Offset Editorial

Por trinta anos, a narrativa de resistência do mercado gráfico offset editorial foi construída sobre uma distinção real e funcional: a velocidade da internet não substitui a profundidade do impresso.

Jornais diários foram os primeiros a sentir o impacto da primeira geração de disrupção digital — a notícia impressa havia envelhecido antes mesmo de chegar às bancas. O setor reagiu com especialização: publicações que entregavam o que a internet não podia — análise, contextualização, curadoria, narrativa coesa. Revistas técnicas, publicações acadêmicas, relatórios setoriais, livros de referência sobreviveram e prosperaram precisamente porque aprofundaram a distinção: o impresso como segunda camada — mais lento, mais denso, mais confiável.

Essa estratégia foi racional. E funcionou — até agora.

O mercado offset editorial sobreviveu à internet porque 'velocidade não é tudo.' O que não sobreviverá é a premissa de que profundidade e confiabilidade são atributos exclusivos do impresso.

A inteligência artificial generativa de última geração não entra na disputa pela velocidade — esse round a internet já havia vencido. Ela entra pela porta que o setor havia preservado como intocável: a profundidade analítica, a síntese confiável e, agora, a personalização radical por leitor.

Quando o atributo central de uma proposta de valor é substituído — não pela concorrência direta, mas por um vetor externo — a dinâmica não é de disputa. É de obsolescência de propósito.

2. A Anatomia da Disrupção: Três Gerações de Ameaça

Para compreender a singularidade do momento atual, é necessário situá-lo historicamente em relação às gerações anteriores de ameaça ao offset editorial.

Primeira Geração (1995–2005): A Internet e a Velocidade

A internet atacou o atributo de velocidade da mídia impressa. A notícia impressa havia envelhecido antes de chegar ao leitor. Jornais diários de baixa diferenciação analítica foram os mais afetados. A resposta do setor foi correta: aprofundar a diferenciação por análise e curadoria. Revistas e publicações especializadas sobreviveram.

Segunda Geração (2008–2018): Redes Sociais e a Fragmentação da Atenção

O ataque migrou da velocidade para a atenção. Plataformas de conteúdo curto fragmentaram o tempo de leitura e reduziram o mercado publicitário disponível para mídia impressa. A resposta do setor foi a especialização vertical: publicações de nicho com audiências qualificadas e dispostas a pagar por profundidade. Modelo correto, mas mercado progressivamente menor.

Terceira Geração (2023–): IA Generativa e a Profundidade Personalizada

Aqui reside a ruptura qualitativa. A IA generativa não ataca velocidade — a internet já havia vencido esse round. Não ataca apenas atenção — esse front já estava estabelecido. A IA ataca o atributo que o setor havia preservado como última vantagem competitiva inexpugnável:

A entrega de profundidade, confiabilidade e coerência narrativa em escala — agora com personalização radical por leitor.

Cada geração de disrupção anterior deixou uma trincheira onde o offset editorial podia se refugiar. A terceira geração não deixa trincheira. Ela ocupa exatamente o espaço que o setor havia identificado como seu diferencial permanente.

3. O Paralelo Mounjaro: Disrupção por Substituição de Propósito

Em 2023–2024, a indústria de embalagens e rótulos foi confrontada com um fenômeno estruturalmente novo: a ascensão dos medicamentos GLP-1 — semaglutida (Ozempic, Wegovy) e tirzepatida (Mounjaro) — reduziu o volume de produtos consumidos por parcelas expressivas da população norte-americana e europeia. O impacto não foi competitivo. Foi de eliminação de propósito: menos produto consumido significa menos embalagem necessária, independentemente da qualidade, design ou custo da embalagem.

Nenhuma embalagem 'perdeu' para o Mounjaro. O propósito foi substituído upstream — antes mesmo que o produto chegasse à prateleira. O mecanismo no offset editorial é estruturalmente idêntico.

O Claude não compete com uma revista técnica de engenharia de embalagens pelo mesmo leitor. Ele simplesmente substitui parte da razão de existir daquele produto. O profissional que antes precisava assinar três publicações especializadas para manter-se atualizado e aprofundado pode hoje, em uma sessão de 20 minutos com IA generativa avançada, obter:

- Síntese de alta densidade sobre qualquer tema setorial
- Contextualização histórica e análise comparativa de cenários
- Linguagem adaptada ao seu nível de expertise e ao seu contexto específico
- Respostas a perguntas que a publicação impressa nunca pôde antecipar

A publicação impressa não 'perdeu' a disputa. O propósito foi substituído — da mesma forma que o Mounjaro não competiu com embalagens de snacks. Simplesmente reduziu a necessidade do produto que as embalagens continham.

Disrupção Convencional

Batalha por Atenção e Velocidade



Disrupção por IA

Substituição de Propósito Upstream

Este é o mecanismo crítico que diferencia a disrupção por IA de todas as gerações anteriores: não é uma batalha por atenção ou velocidade. É uma substituição de propósito que opera upstream da decisão de compra — ou, no caso da mídia, upstream da decisão de assinatura e leitura.

4. Os Três Atributos em Colapso Simultâneo

O argumento central deste paper repousa sobre uma premissa empírica verificável: os três atributos que sustentaram a sobrevivência do offset editorial frente à internet estão, simultaneamente, sofrendo pressão de substituição pela IA generativa. Examinamos cada um.

4.1 Profundidade

A mídia impressa editorial sempre foi capaz de ir além da superfície. Um relatório setorial de 48 páginas, um dossiê de revista técnica, um capítulo de livro de referência — esses formatos entregavam densidade informacional impossível de replicar em tempo real no ambiente digital.

Os modelos de linguagem de grande escala (LLMs) de última geração — Claude Opus, GPT-4o, Gemini Ultra — demonstram capacidade de síntese, análise e construção argumentativa em nível comparável ao de um analista sênior experiente, com acesso indexado a corpora de escala incomparável: décadas de literatura técnica, acadêmica e setorial processadas e acessíveis em segundos.

Para um leitor técnico ou executivo, a distinção prática entre 'ler um dossiê de 40 páginas' e 'fazer uma sessão de 30 minutos com Claude' está se tornando marginal — e em alguns casos desfavorável para o impresso, que não pode responder perguntas de follow-up.

Profundidade como atributo exclusivo da mídia impressa está em colapso direto.

4.2 Confiabilidade

Este foi, historicamente, o argumento mais sólido em favor da mídia impressa. O processo editorial — apuração, revisão por pares, checagem de fatos, edição técnica — conferia ao produto impresso uma camada de confiabilidade que o conteúdo digital aberto não poderia replicar.

A primeira e a segunda gerações de LLMs reforçaram esse argumento: os modelos alucinavam com frequência, produziam afirmações incorretas com confiança, e careciam de transparência sobre suas fontes e limitações.

Os modelos de IA mais recentes apresentam avanços estruturais nessa dimensão. O Claude, em particular, é projetado com mecanismos de calibração de incerteza — o modelo sinaliza quando não tem certeza, evita afirmações factuais não verificáveis e opera com graus explícitos de confiança. Estudos de avaliação de precisão factual em domínios técnicos mostram reduções materiais nas taxas de erro em relação a gerações anteriores.

A confiabilidade ainda é um diferencial da mídia curada por humanos especializados — mas a distância está se fechando em velocidade acelerada. E, crucialmente, o leitor médio já não percebe a diferença na maioria dos contextos de uso.

4.3 Coerência Narrativa, Escala e Personalização

A mídia impressa entrega um discurso homogêneo e coerente a inúmeros leitores simultaneamente — uma voz editorial construída ao longo de anos, com identidade, posição e linguagem reconhecíveis. Publicações como The Economist, Harvard Business Review ou, no Brasil, Valor Econômico construíram marcas editoriais de altíssima densidade.

A IA generativa não replica a marca editorial. Mas oferece algo que a mídia impressa nunca pôde entregar:

Coerência narrativa personalizada por leitor. O mesmo nível de profundidade e confiabilidade, em linguagem, nível de complexidade e recorte temático ajustado individualmente — para cada pessoa, em cada sessão.

Para o leitor, isso não é uma concessão em relação à publicação impressa. Em dimensões funcionais críticas, é uma superação. A publicação que entrega o mesmo artigo para 50.000 leitores, por definição, não consegue ajustar profundidade, vocabulário ou ângulo de análise para cada um deles. A IA faz exatamente isso.

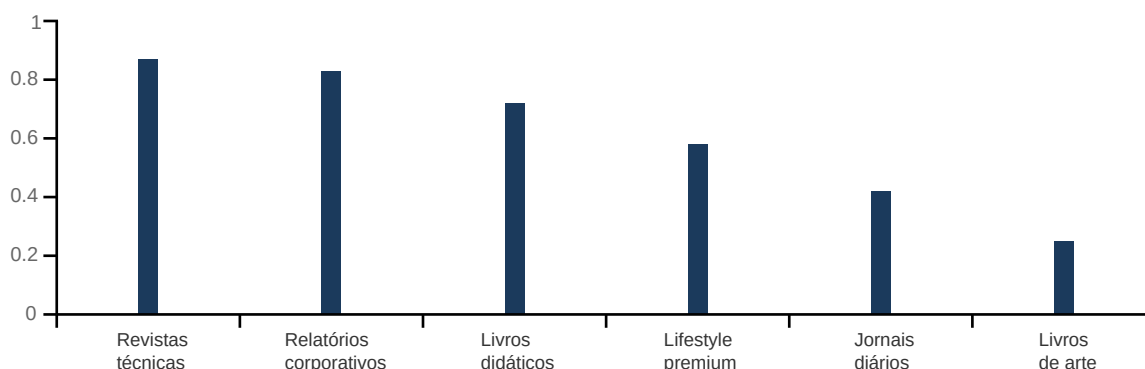
SEÇÃO 5

5. O Índice de Substituibilidade de Propósito Editorial (ISPE)

Para operacionalizar a análise de risco por segmento, a ProjetoPack Intelligence propõe o Índice de Substituibilidade de Propósito Editorial (ISPE) — uma métrica conceitual que avalia o grau em que o propósito funcional central de cada segmento da mídia impressa pode ser substituído por IA generativa.

O ISPE é calculado sobre quatro variáveis:

- Substituibilidade funcional (SF): em que medida o propósito primário da publicação — informar, aprofundar, referenciar — pode ser diretamente atendido por IA?
- Elasticidade da audiência (EA): qual é a facilidade de migração do leitor típico para ferramentas de IA? Considera letramento digital, perfil etário e profissional.
- Dependência de atributo físico (DAF): em que grau o valor percebido da publicação está ancorado em atributos intrinsecamente físicos — tactilidade, colecionabilidade, legitimidade institucional de objeto?
- Custo de troca para o leitor (CT): qual é o custo (financeiro, cognitivo, de hábito) para o leitor migrar do formato impresso para IA?



Valores são estimativas conceituais baseadas em análise qualitativa das quatro variáveis do ISPE.

O ISPE agregado funciona como inverso da resiliência: quanto maior o ISPE, maior a exposição estrutural do segmento à disrupção por IA generativa.

A seguir, apresentamos a Matriz de Exposição Setorial (MES), que integra o ISPE com o horizonte temporal de risco estimado.

6. Matriz de Exposição Setorial (MES): Hierarquia de Risco

Nem todos os segmentos do offset editorial enfrentam o mesmo grau de exposição. A análise a seguir propõe uma estratificação com base no ISPE e em três critérios complementares: substituíbilidade do propósito, elasticidade da audiência e dependência de atributos exclusivamente físicos.

Segmento I — Risco Crítico (Horizonte 2–4 Anos)

Revistas técnicas e publicações setoriais especializadas

Este é o segmento de maior exposição estrutural. ISPE estimado: 0,82–0,91. O leitor típico — profissional técnico ou executivo de setor específico — consome a publicação para manter-se atualizado, aprofundado e referenciado em sua área. Esse propósito é diretamente substituível por uma sessão de IA generativa com prompt especializado. O custo de migração para o leitor é praticamente zero. A barreira de saída da assinatura impressa é baixa.

O profissional que assina uma revista de embalagens, de artes gráficas, de engenharia química ou de finanças corporativas tem hoje acesso, via Claude ou equivalente, a sínteses mais atualizadas, mais personalizadas e interativas do que qualquer publicação mensal pode oferecer. O ciclo de produção do impresso — apuração, edição, impressão, distribuição — já nasce defasado em relação ao que a IA pode entregar no mesmo momento.

Relatórios corporativos e de sustentabilidade impressos

ISPE estimado: 0,78–0,88. Produzidos em offset para distribuição a stakeholders, investidores e clientes, esses materiais têm propósito comunicacional que pode ser integralmente replicado em formato digital interativo — e, crescentemente, gerado por IA com dados estruturados do próprio cliente. O custo de produção offset é um argumento crescentemente difícil de justificar quando relatórios de ESG e performance podem ser gerados, personalizados e distribuídos digitalmente em fração do tempo e do custo.

Segmento II — Risco Elevado (Horizonte 4–7 Anos)

Livros didáticos e de referência técnica

ISPE estimado: 0,65–0,78. A adoção de IA em ambiente educacional está acelerando a substituição de material didático estático por conteúdo adaptativo. O livro impresso ainda possui atributos de legitimidade institucional — adoção curricular, referenciamento acadêmico, credencial de autoria — que retardam a disrupção. Mas a janela de transição é mais longa, não inexistente. Projetos-piloto de substituição de livros didáticos por plataformas de IA adaptativa já estão em andamento em dezenas de universidades ao redor do mundo.

Revistas de cultura, comportamento e lifestyle premium

ISPE estimado: 0,52–0,65. Aqui, o atributo físico — papel, fotografia impressa, experiência tátil, design editorial como objeto — ancora parte relevante do valor percebido. A IA não substitui a estética e o ritual do objeto impresso. Contudo, o conteúdo editorial textual — artigos, análises, entrevistas, reportagens — está crescentemente sob pressão de substituição. O leitor que assina Monocle, Piauí ou similares pelo conteúdo textual profundo é um leitor progressivamente mais exposto à IA. O leitor que assina pelo objeto impresso como experiência é mais resiliente.

Segmento III — Risco Moderado (Horizonte 7+ Anos)

Livros de arte, fotografia e objetos editoriais de alto valor

ISPE estimado: 0,18–0,32. O livro como objeto cultural e colecionável possui atributos físicos intrínsecos que a IA não pode substituir. A experiência de folhear um livro de fotografia de grande formato, sentir o peso do papel, perceber a qualidade de impressão — esses atributos são intrinsecamente físicos e não têm equivalente digital. O mercado é de nicho, mas é estruturalmente resiliente.

Jornais diários de referência

ISPE estimado (formato impresso): 0,35–0,48. Paradoxalmente, o jornal diário — já profundamente transformado pela primeira e segunda gerações de disrupção — tem menor exposição marginal ao vetor IA, porque já migrou estruturalmente para o digital. O offset de jornal é, em larga medida, um mercado que já realizou sua disrupção anterior.

A ameaça da IA é real para o jornalismo como categoria — mas o formato impresso já representa fração residual do negócio.

7. Implicações para o Mercado Gráfico Brasileiro

O Brasil apresenta particularidades que modulam — mas não eliminam — o vetor de risco identificado.

A penetração de IA generativa de alta capacidade no mercado corporativo e profissional brasileiro está em aceleração documentada. Pesquisas de adoção empresarial de 2025 indicam crescimento expressivo no uso de ferramentas de IA para geração de conteúdo, análise e síntese de informação em empresas de médio e grande porte. O profissional brasileiro de nível técnico e executivo está, crescentemente, no mesmo patamar de acesso à IA que seu equivalente norte-americano ou europeu — com a diferença linguística progressivamente resolvida pelos modelos mais recentes, que apresentam desempenho robusto em português.

A publicidade impressa — principal fonte de receita de revistas e jornais no Brasil — já vinha em declínio estrutural. O efeito IA acrescenta pressão sobre a demanda do leitor final, retroalimentando a queda de circulação e, consequentemente, de atratividade publicitária.

Para as gráficas offset editoriais brasileiras — em especial aquelas com parque instalado relevante em impressão de revistas, catálogos técnicos e relatórios corporativos — o horizonte de planejamento estratégico não pode mais ignorar esse vetor. A questão não é se a disrupção ocorrerá, mas em qual velocidade e com qual intensidade segmental.

O Caso Específico das Publicações Setoriais

O Brasil possui um ecossistema expressivo de publicações técnicas setoriais — artes gráficas, embalagens, indústria farmacêutica, agronegócio, construção civil. Muitas dessas publicações sobrevivem em nichos de audiência qualificada, com modelos de receita baseados em assinatura corporativa e publicidade de fornecedores.

Esse modelo é particularmente vulnerável ao vetor IA, por duas razões complementares:

- A audiência corporativa é exatamente o segmento de maior adoção de IA generativa — executivos e técnicos que buscam profundidade setorial são usuários naturais e precoces de ferramentas como Claude.
- Os anunciantes dessas publicações — fabricantes de equipamentos, fornecedores de insumos, prestadores de serviços — podem migrar budget de publicidade impressa para conteúdo gerado por IA diretamente nos canais digitais próprios, com melhor rastreabilidade de ROI.

A combinação de queda de audiência e queda de receita publicitária cria uma dinâmica de dupla pressão que, historicamente, acelera ciclos de encerramento de publicações.

8. O Que o Setor Deve Fazer Com Essa Informação

Este paper não é um obituário. É um mapa de risco — e mapas de risco existem para orientar navegação, não para paralisar.

A indústria gráfica offset editorial que reconhecer precocemente a natureza do vetor de disrupção da IA generativa terá janela de adaptação estratégica. A indústria que continuar operando sob a premissa de que 'o impresso tem profundidade e o digital não' terá a mesma surpresa que aqueles que vendiam embalagens para categorias consumidas por usuários de GLP-1: não perderam para um concorrente — perderam para um vetor que nem estava no radar competitivo.

Vetores de Adaptação

1. Reconversão de Parque Produtivo

Gráficas com parque offset predominantemente editorial devem avaliar a viabilidade técnica e econômica de diversificação para embalagens e rótulos — segmento com dinâmica de risco estruturalmente distinta. A disrupção da IA não afeta embalagens e rótulos da mesma forma que afeta a mídia impressa: uma lata de cerveja, um rótulo de vinho, uma embalagem de medicamento precisam ser físicos por definição regulatória e funcional.

2. Posicionamento em Impressão de Alto Valor Intrínseco

Segmentos de offset editorial com baixo ISPE — livros de arte, fotografia, objetos editoriais premium — apresentam maior resiliência estrutural. Gráficas capazes de entregar qualidade de impressão diferenciada nesse segmento têm posição defensável. O objeto impresso de luxo está, paradoxalmente, menos exposto à IA do que o conteúdo técnico especializado.

3. Produção Editorial para Nichos com Atributos Físicos Insubstituíveis

Livros de colecionador, edições limitadas, publicações com acabamentos exclusivos — serigrafia, hot stamping, corte especial, papéis diferenciados — são produtos onde o atributo físico é a proposta de valor central. A IA não produz um livro encadernado à mão com papel especial. O canal gráfico que domina a entrega desses atributos tem posição protegida.

4. Materialização Física de Conteúdo Gerado por IA

Este é o vetor mais contraintuitivo — e possivelmente o mais promissor. A IA generativa produz volumes crescentes de conteúdo que, em contextos específicos, precisa de materialização física: relatórios executivos para reuniões de conselho, white papers para eventos de alto nível, publicações institucionais premium. Gráficas que se posicionarem como parceiras de materialização de conteúdo gerado por IA — e não como adversárias da IA — terão acesso a um fluxo novo de demanda.

9. Considerações Finais

O mercado offset editorial enfrentou, nas últimas três décadas, duas gerações de disrupção digital. Sobreviveu a ambas com estratégias de diferenciação baseadas no que a tecnologia digital não podia entregar: profundidade, confiabilidade, coerência narrativa.

A terceira geração é diferente. Não porque a IA seja mais poderosa do que a internet — embora seja. Mas porque ela ataca exatamente o último reduto defensável do impresso: a entrega de profundidade e confiabilidade a um leitor que escolheu parar e ler.

A IA generativa não precisa que o leitor pare. Ela vai até o leitor, no momento em que ele precisa, com a profundidade que ele busca, na linguagem que ele usa, no nível de complexidade que ele domina. Isso não é concorrência. É substituição de propósito.

O paralelo com os medicamentos GLP-1 é mais do que uma analogia conveniente. É um padrão de disrupção — vetores externos que operam upstream da cadeia de valor, alterando não o produto, não o processo, não o canal, mas a necessidade que o produto atendia.

O maior fator de risco do mercado offset editorial não é a internet. Não são as plataformas de streaming de texto. É o Claude — e o que ele representa: a democratização da profundidade, em escala, com personalização. Sem papel. Sem tinta. Sem gráfica.

A janela de adaptação existe. A questão é se as lideranças do setor têm disposição para reconhecer um vetor de risco que ainda não produziu colapsos visíveis — mas que está, metodicamente, substituindo o propósito do produto que imprimem.

O ISPE em Detalhe: Variáveis e Calibração

O Índice de Substituibilidade de Propósito Editorial (ISPE) é uma métrica conceitual projetada para ser auditável à medida que dados de adoção de IA e de audiência editorial se tornem disponíveis.

Sua estrutura analítica pode ser formalizada da seguinte forma:

A1) Variáveis do ISPE

Substituibilidade Funcional (SF — peso 40%)

Mede o grau em que o propósito primário da publicação pode ser atendido por IA. Avalia três sub-dimensões: profundidade de análise (pode a IA produzir conteúdo equivalente?), atualidade (a IA tem acesso a informações comparáveis?), e interatividade (a IA pode responder perguntas que o impresso não pode?). Escala: 0 (não substituível) a 1 (totalmente substituível).

Elasticidade da Audiência (EA — peso 25%)

Mede a facilidade de migração do leitor típico. Considera: letramento digital e de IA, perfil etário e geracional, contexto de uso (individual vs. institucional), e disponibilidade de acesso à IA. Uma publicação técnica com audiência de engenheiros de 35–50 anos tem EA maior do que uma publicação para público de 65+ anos.

Dependência de Atributo Físico (DAF — peso 25%)

Mede em que grau o valor percebido está ancorado em atributos intrinsecamente físicos. Uma revista técnica tem DAF baixo — o leitor a assina pelo conteúdo, não pelo papel. Um livro de arte tem DAF alto — o objeto físico é parte central da proposta de valor. O DAF funciona como fator de proteção: quanto maior, menor a exposição ao vetor IA.

Custo de Troca para o Leitor (CT — peso 10%)

Mede o custo (financeiro, cognitivo e de hábito) da migração do leitor para IA. Considera o custo de acesso às ferramentas de IA em relação ao custo da assinatura impressa, a curva de aprendizado de uso de IA, e a força do hábito de leitura no formato físico. Na maioria dos segmentos de audiência técnica e executiva, o CT é progressivamente baixo: as ferramentas de IA são acessíveis, intuitivas e já incorporadas ao fluxo de trabalho profissional.

A2) Calibração por Segmento

Os valores de ISPE apresentados na Seção 6 são estimativas baseadas em análise qualitativa das quatro variáveis. A calibração quantitativa precisa requer dados empíricos de: taxas de adoção de IA por perfil profissional no Brasil, dados de circulação e assinatura por segmento editorial, pesquisas de uso e satisfação com IA generativa para fins profissionais. A ProjetoPack Intelligence mapeará esses dados para edições futuras desta série.

Brasil como Laboratório Observável

O mercado editorial brasileiro apresenta características que o tornam um ambiente particularmente útil para observar, em tempo real, a velocidade de adoção do vetor IA como substituto funcional da mídia impressa.

B1) Por que o Brasil é um Proxy Relevante

Dois fatores tornam o Brasil um laboratório observável privilegiado:

- A penetração de smartphones e banda larga no Brasil é alta para um mercado emergente, criando infraestrutura de acesso à IA compatível com mercados desenvolvidos em segmentos urbanos e corporativos.
- O mercado editorial técnico brasileiro é relativamente bem documentado por entidades como a Câmara Brasileira do Livro (CBL), Aner e Anatec, permitindo rastreamento de tendências de circulação e receita.

A trajetória de queda de circulação das principais revistas técnicas e de negócios brasileiras nos últimos cinco anos — mesmo antes da expansão da IA generativa — sinaliza uma audiência já em processo de migração para fontes digitais. A chegada dos modelos de IA em português de alta qualidade adiciona um novo vetor de aceleração a essa tendência.

B2) Sinais de Alerta Rastreáveis

A ProjetoPack Intelligence propõe o monitoramento de quatro indicadores para rastrear a velocidade do vetor de disrupção no mercado brasileiro:

#	Indicador de Monitoramento
1	Evolução de assinaturas de publicações técnicas setoriais (dados Aner/Anatec vs. crescimento de assinaturas de ferramentas de IA)
2	Receita publicitária de publicações impressas vs. crescimento de investimento em conteúdo digital e IA
3	Pesquisas de comportamento de busca de informação de profissionais técnicos e executivos
4	Lançamentos e encerramentos de publicações impressas no segmento técnico-setorial

Esses indicadores compõem um **dashboard de alerta precoce** que permite às gráficas offset editoriais e editoras calibrar a velocidade de ajuste estratégico necessário.



Aislan Baer

Aislan Baer é Sócio Fundador da **ProjetoPack & Associados** e Editor de **ProjetoPack em Revista**, uma das principais publicações técnicas da América Latina dedicada a embalagens, rótulos e indústrias de convertedores.

Por mais de duas décadas, trabalhou na interseção de operações industriais, transformação estratégica e mercados de capitais, assessorando convertedores, grupos multinacionais e investidores na América Latina.

Seu trabalho foca em consolidação setorial, criação de valor pré-transação e posicionamento estratégico de plataformas de embalagens em mercados emergentes.

É criador dos frameworks ProjetoPack Intelligence, CPI™ (Converter Performance Index) e PPI™ (Packaging Performance Index), além do modelo de FIDC ProjetoPack Finance para M&A em indústrias de artes gráficas e embalagens.

Série ProjetoPack Intelligence

A **ProjetoPack Intelligence** é uma iniciativa de pesquisa contínua que examina transformações estruturais que moldam as indústrias globais de embalagens, rótulos e impressão.

Paper	Título e Descrição
Paper #001 (2026)	The GLP-1 Economy — Como os medicamentos anti-obesidade podem remodelar a demanda global por embalagens. Implicações estruturais para convertedores, proprietários de marcas e alocação de capital.
Paper #002 (2026)	The Packaging Multiple Arbitrage Thesis — Como a impressão digital converte flexibilidade operacional em valor empresarial para marcas de consumo de nicho. PackFinance™ Digital ROI Calculator.
Paper #003 (2026)	O Fator Claude — O risco estrutural que o mercado offset editorial não está vendo. Como a IA generativa substitui o propósito funcional da mídia impressa — e o que o setor gráfico deve fazer com essa informação.
Próxima Edição	Pesquisas futuras explorarão as consequências industriais de segunda ordem emergentes das dinâmicas de transformação de demanda — incluindo o impacto da IA generativa sobre a produção de embalagens e o redesenho de cadeias de fornecimento.

*ProjetoPack Intelligence Papers é uma publicação da ProjetoPack & Associados. Reprodução parcial permitida mediante citação da fonte.
Para análises customizadas, entre em contato com a equipe de consultoria da ProjetoPack.*

© 2026 ProjetoPack & Associados — Todos os direitos reservados.



Rua Borges de Figueiredo, 303 - Con.j 611 - Ed. Átrio Giorno
Bairro: Mooca CEP: 03110-010 - São Paulo - SP - Brasil

www.projetopack.com